

# reporter.

Semanário das grandes  
reportagens





# reporter

O SEMANÁRIO  
DE MAIOR TIRAGEM E EXPAN-  
SÃO EM PORTUGAL

Grandes reportagens e crítica a todos  
os acontecimentos de sensação  
nacionais e estrangeiros

Sai aos sábados e é posto à venda  
simultaneamente em todo o país

PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE C. CAL

Director e Editor  
**REINALDO FERREIRA**  
(Reporter X)

Chefe da Redacção  
**MÁRIO DOMINGUES**

Redacção, Administração e Publicidade  
Rua do Alecrim, 65—TEL. 2 1276—LISBOA  
End. Telegr.: REPORTERX—LISBOA

Composição e Impressão  
SOCIEDADE EDITORIAL «A B C», L.da  
Rua do Alecrim, 61—Rua da Luta, 1-B

#### PREÇO DAS ASSINATURAS

3 meses—série de 12 números—Esc. 11\$50  
6 » » » 25 » —Esc. 22\$50  
12 » » » 52 » —Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescem os respectivos portes  
**Pagamento adiantado**

## Passaportes

Espanha, França, Brasil e América do Norte

AGENTES NO NORTE DA

### UNITED STATES LINES

*Nicolau Ferraz*

R. do Loureiro, 60

Tel. 762 Porto



A maravilha das grafo-  
nolas, a ELECTRO-SONORA,  
trabalha eléctricamente  
ou por corda, motor  
para 110 ou 220 «volts».

118—Rua de Cedofeita—120

PORTO

## TABACARIA CENTRAL DE

### Aurélio Ferreira & C.ª, L.ª

TABACOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS—  
LOTARIAS—SÊLOS, LETRAS E PAPEL  
SELADO—IMPRESSOS DA JUNTA DE  
CRÉDITO PÚBLICO—JORNAIS E REVIS-  
TAS—NOVIDADES LITERÁRIAS—PER-  
FUMARIAS—ARTIGOS DE ALTA NOVI-  
DADE

19, Praça da Liberdade, 20—PORTO

TELEFONE, 258

Deite fóra todas essas águas, gotas, azeites e  
tantas outras drogas que lhe têm impingido  
para pintar os cabelos.

Elas não são mais do que um assalto à sua bol-  
sa... Mostre que é inteligente.

Veja o que os melhores cabeleireiros empre-  
gam nos seus magníficos trabalhos de pintura.  
Constatará que é só

## KOMOL

KOMOL, dispondo de 18 cores à sua escolha,  
desde o Preto ao Louro Rosado, permite-lhe  
em sua casa, e sem auxílio de ninguém, resti-  
tuir a cor natural aos cabelos em **15 minutos**.  
E eles ficam macios, soltos e brilhantes, nin-  
guém conhecendo que foram pintados.

### CAIXA 25\$00

A' venda nos melhores estabelecimentos. Re-  
presentante M. CABRAL—R. Camilo Castelo  
Branco, 20, Telefone N. 3831.—Depositário—  
FARMACIA OLIVEIRA, R. da Prata, 240—  
Telefone 2.1415—Agente no Porto—A.  
QUADROS Jor.—R. de Traz, 7, 2.º—Telef. 87

Se V. Ex.ª tem de presentear alguém,  
deve lembrar-se que um relógio  
desta marca, é o melhor presente  
que pode encontrar.

VENDE-SE EM TODAS AS  
RELOJOARIAS E OURIVESARIAS

## ABC

A revista portuguesa mais antiga e de maior expansão

Actualidades gráficas do país e do estrangeiro

24 páginas de texto e gravuras

Preço avulso 1\$50

Rua do Alecrim, 65—LISBOA



# Homens & Factos do Dia

## Os venenos

### nacionais

**O**UTRO dia, numa tertúlia onde abundam os patriotas, lamentava-se, num misto de censura e de tristeza, a «má cabeça» de Fulano... Ora Fulano, a quem nada faltava: uns tios endinheirados que lhe garantiam casa e mesa; um emprêgo no Banco, onde pouco trabalho lhe exigiam e cujo ordenado era gasto, integralmente, nas suas extravagâncias de rapaz; uma situação social invejável, com frequentes convites para bailaricos e salsifrés burgueses, cometera a súbita e insofismável «maluquice» de abandonar este paraíso terrestre de sol eterno, de desprezar todas estas «sortes grandes» e de emigrar para Londres, terra do nevoeiro, à aventura, sem um plano, sem emprêgo, sem cartas — e sem outro capital do que uns patacos amealhados à pressa! E já lá estava há anos, sem dar notícias. Sabia-se vagamente que lutara heroicamente pela vida, sujeitando-se aos mais modestos misteres, e que, por fim, conseguira a gerência dum restaurant — o que, sendo melhor do que anteriores empregos, estava muito longe de lhe proporcionar uma existência como gozava em Portugal! De todos os presentes — apenas eu lhe falara no exílio. Encontrara-o, por um acaso, no «Sevilha-Royal» — em Strand —, onde Fulano gankava honradamente o pão de cada dia, conduzindo os elegantes clientes às mesas livres, sorrindo e improvisando frases de espírito para os gentlemen e oferecendo rosas às loiras «misses» e exibindo o mesmo smooking impecável com que ele tantas vezes brilhara nas soirées da Estrela, das Avenidas e do Estoril. Preguntaram-me logo se Fulano estava «muito arrependido»; se já «torcera a orelha» e se «deitava sangue»... — «Vocês estão muito enganados! — a firmei-lhes ante o pasmo e a incredulidade gerais. — Em primeiro lugar — é preciso fazer a justiça de crer que quando um homem como Fulano toma a decisão de emigrar, motivos teve para isso; e mesmo que esses motivos fossem apenas resultantes dum capricho — bastaria o facto de o satisfazer, embora através de sacrifícios, para ele não se arrepender e, pelo contrário, para se

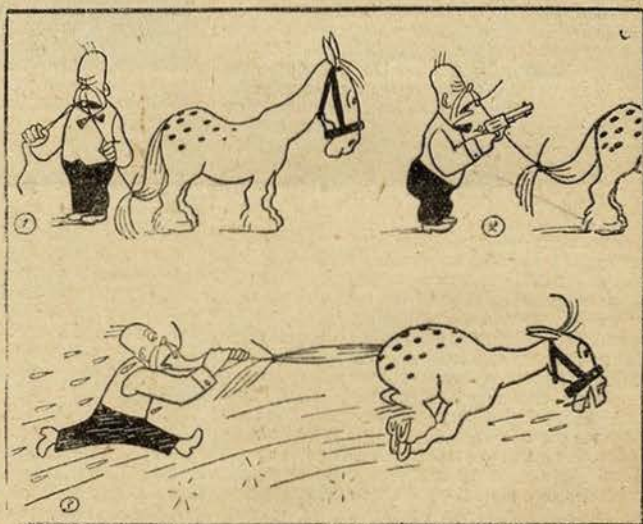


julgar feliz. O homem é sempre feliz quando realiza a sua felicidade — e não se pode exigir do nosso semelhante que tenha da felicidade a mesma noção que nós temos. Para alguns, a ventura consiste em dar, ao domingo, uma passeata a Cacilhas; para outros, essa mesma ventura é não pôr os pés fóra de casa ao domingo. E todos estão no uso dum direito — indiscutível, visto que os gostos não se discutem. O argumento de que a vida para Fulano é mais dura em Londres do que em Portugal tão pouco se justifica — posto que quanto maior é a felicidade mais caro ela custa e com maior prazer a pagamos se o preço está ao nosso alcance. O preço da felicidade de Fulano era sujeitar-se a uma vida mais trabalhosa e menos cômoda — e se lhe perguntassem se achou exagerada a tarifa, dir-lhes-ia que, pelo contrário, a achou baratíssima. Mas, pondo de parte todas estas razões de lógica, é caso para estudarmos ainda quem é o desajuizado: se ele, se nós. Se a mandriice, se o pão alheio e oferecido de graça — uma variante da esmola ou do «encôsto»; se a vida monótona, rítmica, inútil, fútil dos bailaricos sempre iguais, sem uma novidade; das palestras sempre as mesmas, sem uma ideia; dos ditos, das intrigas, da bisbilhotice, das calúnias repetidas, sem um interesse — doirada pelo sol e acalentada por um clima que não é tão cronicamente doce como o afirmam os cartazes de propaganda de turismo; se «isto» que vocês fazem desde a mocidade e farão até à morte, hoje igual a amanhã, o ano passado igual ao que há-de vir, sem uma emoção, sem uma beleza além das belezas que estamos fartos de ver todos os dias, é um bem superior a todos os bens, neste caso o maluco é ele e os ajúzados são vocês. Mas se, pelo contrário, a felicidade consiste na alegria de viver lutando; e lutar com o orgulho das nossas próprias forças, sem favores nem regateios, numa cidade onde existem todas as comodidades — as poucas que Fulano possuía aqui e muitas outras que ele nem a preço de ouro podia adquirir; todos os divertimentos ao alcance de todas as bolsas; onde não há um minuto se-

melhante a outro minuto; onde o entrecchoque continuo das multidões e dos grandes e pequenos problemas façam sensações para todos os paladares — até a da solidão, muito mais perfeita, completa, muralhada e saborosa em Regent Street, no paradoxismo máximo do seu movimento, do que na rua mais silenciosa e discreta de Lisboa, do Porto ou de Braga; onde todas as coisas têm um preço mas onde também todos os esforços têm um premio; onde se pode dispôr de mil relações sem violar a fronteira sagrada da nossa intimidade e onde se pode também, graças apenas ao capricho da nossa vontade, não conhecer ninguém e não se ser conhecido nem pelo nosso vizinho do lado; onde existem divertimentos para todas as horas do dia e ao nível dos mais quantiosos orçamentos do prazer — mas onde também nos podemos divertir sem o dispêndio de um penny porque basta o music-hall das ruas, o filme das multidões, o imprevisito da própria vida para nos distraír; se fazer a vida que se quer, como se quer, bem defendido, sem preocupações mesquinhas, sem afinetadas reles, é, de facto, uma felicidade, mesmo entre neblinas densas (que a orgia eléctrica e a chauffage e a alegria de todos os interiores transforma quasi num encanto) — nesse caso os malucos somos nós, que ficamos, que nos arrastamos, que vegetamos, e o ajúzado foi ele...

As minhas teorias amargavam — era evidente. Entroolharam-se todos intercambiando um sorriso cujo significado era: «Este é da força do outro». Mas como não surgira qualquer réplica que rebatesse a minha argumentação — prossegui: «Encontrei Fulano mais gordo, mais saudável, mais optimista... Levanta-se agora às oito — e em Lisboa levantava-se às dez: deita-se à meia-noite — e em Lisboa não tinha hora de se deitar; mas, confessou-me, apesar do

(Conclue na pag. 11)





A hipnose de mistério que cintura sôfregamente a vida oculta, todo o intenso labor subterrâneo da espionagem torna-se sempre, quando transplantado cá para fóra, para a curiosidade legítima do leitor, um dos mais palpáveis assuntos.

Existe latente um grande interesse no cérebro humano, uma ânsia invencível de se conhecer algo da vida dos «astros» da espionagem, em se saber os meios de acção desenvolvidos por esses entes misteriosos, por essas larvas que tecem as teias onde se enredam os Estados e os povos, arremecendo-os — quantas vezes!... — para o extermínio.

Os livros, de enredo real ou efabulado, que tratam o assunto esgotam-se em pouco tempo. As edições sucedem-se...

Assim, não admira que a nós, simples repórteres das coisas reais, humildes escritores da crônica da vida, o assunto nos interesse também até à paixão, nos encadeie igualmente à emoção que contém.

Espionagem!... Que mundo de aventuras impressionantes nos não sugere este vocábulo...

...

Uma rajada de delírio parece bastonar a face encarquilhada da velha Terra, sacudindo-a em estremecções violentas de ódios e de paixões. A ciência procura dia a dia novos elementos de auxílio para alimentar a guerra mortífera que ensandece os homens — porque aquela é uma consequência desta.

Duas correntes formidáveis, antagónicas, duas forças que se degladiam ferozmente, que se empenham num combate sem tréguas, titânico, tentando aniquilar-se uma à outra.

Da séde destas poderosas entidades irradiam os emaranhados filamentos invisíveis que lançados através o orbe o agitam e convulsionam.

E' precisamente sôbre a acção de alguns dos mais célebres agentes dos referidos organismos que vou falar nesta crônica.

...

Bukharin é uma personagem russa que últimamente foi posta em foco por alguns repórteres ingleses, os quais, nos respectivos jornais, descreveram o que tem sido a sua vida, apontando-o como um dos mais perigosos inimigos da velha e altiva Inglaterra, em cuja capital êle se encontra.

Braço direito de Staline, o ditador vermelho, Bukharin, mascarado de professor de matemática da Universidade de Moscovo, conseguiu autorização do governo britânico para assistir em Londres ao Congresso Internacional de História da Ciência e Tecnologia, que recentemente ali se reuniu.

Fidagal inimigo do Império Britânico e sendo um dos principais chefes da «Guepeau», tomou a si o encargo de dirigir a acção bolchevista contra a altiva «Rainha dos Mares». Durante anos promoveu êle próprio uma propaganda intensíssima contra a Inglaterra, fazendo imprimir numerosos panfletos e folhas volantes que apreciavam simultaneamente, em várias linguas, espalhados por todo o mundo.

...

Os agentes do «Intelligence Service», desenvolvendo uma preciosa actividade, não podiam, no entanto, contrabalançar essa acção, tal era a habilidade com que aquela era feita.

Servindo-se das suas prodigiosas faculdades de organizador, Bukharin, para minar o Império britânico, envia então à Índia e à China centenas de agentes da sua confiança, com instruções secretas e especiais, encarregados de agitarem os sentimentos idealistas dos respectivos povos, arremessando-os para a revolta.

Ao mesmo tempo preparou os elementos avançados ingleses, organizando-os cientificamente, fortalecendo os já de si poderosos núcleos de trabalhadores, lançando-os em importantes greves,

## SEGRÊDOS DA ESPIONAGEM

**A onda de revoluções — Duas ideias que se combatem — O Presente inimigo do Passado — Bukharin, o professor de matemática — As greves em Inglaterra — A revolta dos povos asiáticos — Uma evocação de Mata-Hari — Um policia roubado — Quem é Vera Olga Ostrogoff?...**

para cuja repressão o governo tinha grandes dificuldades...

Descoberto agora, mercê duma reportagem de Montagne Smith, do *Daily Mail*, Bukharin confessou publicamente o seu ódio à Inglaterra, afir-



Mata-Hari, numa das suas dansas orientais.

mando ainda ser seu designio derrubar o Reino Unido, para o que não poupara esforços nem inteligência.

E' claro que a expulsão seguiu-se imediatamente às suas declarações...

Para onde foi? O que fará agora? Enigmas vivos que só o tempo poderá esclarecer!...

O «Intelligence Service» vigia-o de perto, tentando aniquilar a sua acção. Conseguirá? E' que Bukharin dispõe de tantos recursos para a luta que está travada como o «Intelligence»...

Desta forma é lógica a interrogação: O que irá passar-se?

...

O famoso nome de Mata-Hari, a formosa bailarina-espia executada em Vincennes, durante a Grande Guerra, voltou a dar que falar novamente. A policia francesa da contra-espionagem conse-

guiu, aqui há tempos, prender diversos membros duma vasta organização de espionagem que manobrava na fronteira franco-alemã.

Entre os presos, todos de destacada posição social, há uma mulher, misteriosa e bela, que se dizia polaca e usava o nome de Vera Olga Ostrogoff.

Investigado o seu passado, as autoridades tomaram conhecimento da sua existência, beixada de escândalos, apurando-se um extenso rol de numerosos amantes que lhe passaram pelos braços sedutores.

Três velhos coroneis do exercito francês, comandantes de fortes unidades...; quatro majores e dois capitães, um destes ajudante de campo do ministro da Guerra...; dois condes ocupando lugares de relevo no mundo diplomático...; um jovem secretário de legação, cujo suicidio trágico e inexplicável, ocorrido em Berlim, no seu gabinete de trabalho, nunca foi suficientemente esclarecido.

O «contrôle» de datas destes amores coincidiu absolutamente com o desaparecimento misterioso de documentos de responsabilidade sôbre dados de valor estratégico de vários pontos, tratando-se agora de se apurar qual o papel desempenhado por aquelas entidades no assunto.

O que é certo é que Vera Olga Ostrogoff era duma fantástica rapidez de deslocação, exercendo a sua acção, simultaneamente, em diversas cidades, umas vezes acossada de perto pela policia, outras perseguida pelos seus próprios colegas de profissão.

No entanto, tinha sempre, através os mais difíceis transe, uma prodigiosa habilidade para se escapar às mais apertadas perseguições, encontrando a maneira, por vezes arrojada, de iludir a vigilância que sôbre a sua personalidade exerciam os mais argutos agentes da contra-espionagem internacional.

De certa vez, em Hamburg, vendo-se seriamente embaraçada com o eficaz aparecimento de John Harthigon, célebre agente do «Intelligence Service», em determinada manobra que estava tentando para fugir à Justiça que, ameaçadoramente, pendia sôbre ela, só teve um recurso: servir-se da sua perversa inteligência de mulher linda e irresistível. Seduziu John Harthigon com suma perfeição, pondo em jôgo o seu maravilhoso corpo, a arte requintada do seu cérebro femininamente maldoso.

O pobre Harthigon, na manhã seguinte, envergonhava-se intimamente da sua completa derrota e... dava pela ausência da sua diabólica companheira e do seu distintivo do I. S.

Passados dias, recebia comunicação de que Vera estava em Viena de Austria... Havia fugido em *travesti!*

Pois é esta aventureira mulher que fez agora sair do pó do esquecimento o caso de Mata-Hari.

A policia, de investigação em investigação, apurou que Vera Olga Ostrogoff, a pseudo-polaca, é nada mais nada menos do que filha da famosa bailarina-espia, fuzilada em Vincennes...

Do seu interessante depoimento veio a saber-se que estava filiada na organização de espionagem apenas para vingar a morte da mãe, a quem creí inocente, procurando rehabilitar-lhe a memória.

Acusa as autoridades francesas de lhe terem negado a consulta a certos documentos, segundo os quais a inocência de Mata-Hari seria provada à evidência, fazendo referência a uma carta desta, que lhe foi entregue pela sua mãe adoptiva quando fez deztoito anos, onde a bailarina protestava a sua inocência e a encarregava, como sua filha, de lhe vingar a morte no caso de isso succeder, como ela receava.

...

E o coronel Lawrence, o rei do deserto e dono oculto da Ásia?... E o major inglês Eduardo Rains, a contas agora com a justiça do Perú?... E Ralph Oustrack, o notável «virtuoso» da espionagem branca?... E outros!... E tantos mais!...

Que páginas formidáveis de impressionantes narrações não dariam as vossas vidas, se fôsser: conhecidas de alguns escritores de pulso!?...



# Um carrasco português na actualidade

**A decadência dos verdugos — Um artigo do «Detektyw» de Varsóvia — A guilhotina de Vasco de Araújo — Tal pai, tal filho — Dois portugueses que... não nos honram no estrangeiro.**

**P**UBLICA-SE em Varsóvia, na Polónia, um jornal, macaqueando o «Detective» de Paris, e que se intitula também «Detektyw». Recebemo-lo regularmente, mas o único interesse que nos pode oferecer é o do seu aspecto gráfico, que é realmente esplêndido e moderno. No seu número do dia 25 do mês passado, fomos surpreendidos por uma palavra linotipada em tipos garrafaís, que nos pareceu significar «português»; e como o artigo que ela encimava estava ilustrado com a «foto» de uma força e o retrato de um indivíduo de aparência nitidamente ibérica, aguçámos todos os sentidos procurando adivinhar... o que o articulista escrevera em... polaco! O único que percebemos, além do muito repetido vocábulo que se assemelhava a «português», foi um nome; um nome que aparecia, com frequência, no texto e que se salientava na legenda do retrato. Esse nome era «Vasco de Araújo». Não descansámos enquanto não encontramos quem nos traduzisse o artigo. Mas antes de o explorarmos que nos seja permitido falar dos carrascos em geral...

O carrasco está em plena decadência; mas houve épocas em que a dificuldade da Justiça estava na escolha, tal a abundância e o preparo técnico dos pretendentes a matadores legais. A profissão oferecia vantagens, certa categoria e popularidade, quasi que importância social. Além disso a Justiça da antiguidade, temendo que os criminosos se escapassem à morte por falta de executores, davam o prémio da vida ou encurtamento da pena a outros condenados à pena última ou às galés perpétuas. Mas o tipo que predominava entre os voluntários do garrote, do cutelo, da acha, da guilhotina, da força ou da fogueira era o da «vocação». Existiam os *virtuosos* do patíbulo, como hoje os há da pintura ou do bailado. E tinham o orgulho e a dignidade da sua arte...



Vasco de Araújo



O exército sérvio, na guerra dos Balkans, levava sempre um séquito de carrascos para executar os prisioneiros turcos

A decadência actual dos carrascos, sendo uma consequência directa dos princípios generosos da moderna sociologia, só se torna grave — grave para os juizes — nos povos onde esta civilização se alastra mais rapidamente. Em França, morto Mr. Brunoel, o último carrasco de Marselha, e reformado Mr. Paris, neto do sinistro Simon, que guilhotinou mil e doze cabeças, num só ano, durante a revolução, foram obrigados a nomear à pressa os ajudantes, os soldados rasos do patíbulo, porque não havia quem executasse... No mês de Maio último, coincidiram três execuções: a do repugnante «Perret-Singe», em Paris, e as outras em Lyon e Bordeaux. Pois bem! Foram obrigados a adiar as últimas, porque só havia um carrasco disponível, e mesmo a esse hesitaram em confiar-lhe as cabeças condenadas por terem falta de mestria... Na Alemanha e na Inglaterra, nota-se idêntica crise. O verdugo que executou o vampiro de Dusseldorf declarou aos jornalistas que era a primeira e última vez que subia ao patíbulo. Na Rússia, onde as execuções são quasi todas militares, existe apenas um executor, e é mongólico. Em compensação, nas tentativas tcheco-eslovacas de 1919, o general russo Kempfer, de quem já falámos, fazia repetidas viagens através a Sibéria, de extremo a extremo, num combóio de luxo e acompanhado de vinte e cinco verdugos, europeus e asiáticos, especialistas da força, do cutelo e do garrote, executando 500 vermelhos. Durante a guerra báltica, os sérvios levavam um séquito de carrascos, enforcando a maioria dos turcos que lhes caía nas mãos. Detalhe curioso: Esses verdugos guardavam todo o seu material numa pequena mala: dois espartos, uma navalha para corte das cordas, um gancho, um banco de desmontar, para os supliciados subirem, e uma minúscula banheira que ofereciam generosamente aos turcos que, como bons muçulmanos, não queriam nunca morrer... sem lavarem os pés...

Voltemos ao «Detektyw» de Varsóvia... Nos arredores de Werken, numa pequena cidade de provincia da Polónia, proximo da fronteira russa, habita, há muitos anos, um sujeito que todos consideravam polaco a-pesar-do seu nome e apelido estrangeiros: Vasco de Araújo. Vivia sózinho, sem creados, gastando à larga, mas recusando todo o convívio social, como um neurastênico

rico que esmoesse as suas mórbidas obsessões. De 1925 para cá, era frequente naquela região o desaparecimento de moças dos 18 aos 25 anos — atribuindo-se esse facto ao tráfico de brancas, muito desenvolvido em todo o país. A policia, orientada por esta ideia, buscava essas desaparecidas nos clássicos rebanhos dos emigrantes clandestinos, e não as encontrava. Há dias, porém, as desaparecidas mudaram de sexo e até de idade, passando a ser homens dos 30 aos 50 anos. Este novo aspecto da epidemia alarmou as autoridades; e um *detective* de Varsóvia, chamado expressamente para esse fim, fixou as suas suspeitas sobre Vasco de Araújo. Uma inesperada invasão ao *chalet* revelou imediatamente o segredo do estrangeiro. Nas caves existia uma guilhotina, montada como as melhores de Paris e cuja lâmina estava ainda ensanguantada. Remoendo a terra do jardim que cercava o *chalet* — foram encontrados oito esqueletos e dois cadáveres em decomposição, todos destroncados. Preso o facinoroso, não soube explicar a razão dos seus crimes. Declarou ser filho dum carrasco favorito dos governadores da Polónia, durante a última metade do século passado, um português emigrado para aquele país não se sabe porque motivos, e que se chamava Artur de Araújo. Vasco crescera naquele ambiente sinistro; e na puberdade fôra internado num manicómio, de onde saiu cinco anos depois, com aparência de curado. O pai pouco mais durou, deixando-lhe uma pequena fortuna. Exilado voluntariamente na provincia, começou a sentir-se escravo de uma ansia de sangue e de morte. Pouco a pouco, começou a construir aquela guilhotina, que lhe levava dois anos de trabalho — «Enquanto a montava no silêncio das madrugadas — declara o tarado —, não sabia ao certo a que fite a destinava»... Depois de a terminar, atraiu à sua vivenda uma moça da vizinhança e não pôde fugir à tentação de experimentar nela a lâmina da sua guilhotina. Praticada a primeira proeza, outras se seguiram... As moças atraia-as com galanteios; aos homens segredando-lhes promessas de grandes negócios.

E' caso para dizer que... filho de peixe sabe matar! A tara deste nosso compatriota vai ter, pela certa, a apteose no patíbulo... Eis um género de portugueses que não nos honra muito no estrangeiro — nem o pai nem o filho... E afinal — tão bom era um como outro.



# O segrêdo da Quinta das Lágrimas

**Enlouqueceu o químico inglês, «Sir» Edward Reginald, que quis analisar o sangue de Inez de Castro.**

A tragédia *shakespeareana* de Inez de Castro, que a dôr epiléptica de D. Pedro *misencenou* com uma grandiosidade fôrva e macabra, é o tema mais explorado pela literatura de todos os países e de todos os tempos. Inspirou perto de mil obras, em prosa e em verso, e os próprios japoneses já o trataram no romance e no teatro. Mas tanto o ajardinaram de lendas que ainda alguns dos ângulos de sombra dessa tragédia resistem, opacos, aos que tentam radiografá-la em todos os seus aspectos. Afirmam uns que a seda preciosa da carne da bela Inez foi maculada pelos punhais dos assassinos, quando ela, com as loiras tranças ao vento e os filhinhos abrigados com o seio, se refugiava junto à Fonte dos Amores, onde outrora, na primavera do seu poema, o murmúrio da voz do amante era mais doce do que o da água... Outros floreteiam em defesa da hipótese de que os matadores a surpreenderam num escondo do palácio. E como uns e outros badalam argumentos igualmente sonoros e eloquentes, não podemos discutir a verosimilhança do episódio sobre o «Segredo da Quinta das Lágrimas» que hoje revelamos, visto que ele veste, com a justeza dum «maillot», uma das duas hipóteses, precisamente a mais romântica, aquela que os nossos espíritos acolhem com maior emoção...

... Foi durante a minha última passagem por Coimbra. A cidade despojava-se, pacatamente. «Cafés» fechados. Silêncio, apenas ferido pelo coar das rãs ou pelo éco distante de alguma serenata. O acaso oferecera-me dois camaradas de vigília: o dr. Gonzaga Cabral, que nos representou brilhantemente, o ano passado, no Congresso de Psiquiatria de Milão, e o químico francês, Mr. Jean Jacques Robert, director do Laboratório Nacional Farmacêutico. Reunidos no meu quarto do «Astoria», cuja janela se abria sobre a paisagem romântica do Mondego — evoquei, saudoso, as minhas primeiras visitas à lusa-Athenas, faça-

nhas nocturnas, um mês divertidíssimo que passara numa pensão vulgarmente civilizada — a pensão de M.<sup>me</sup> Rasseneur, uma dama francesa que organizava todas as noites, com os hóspedes e não hóspedes, veladas intelectuais e que se deotava para presidir aos jantares...

— «M.<sup>me</sup> Rasseneur vive ainda em Coimbra — informou o dr. Gonzaga Cabral —, mas a pensão acabou-se. Ia-se arruinando com as suas reuniões literárias...

Recordei então que fôra em casa de M.<sup>me</sup> Rasseneur que eu conhecera um hóspede — um químico vulgar —, o mais pitoresco que imaginar se pode. Entrevistara-o para o *Diário de Lisboa* (Setembro ou Outubro de 1926)... O excêntrico viera a Portugal com o único fito de realizar uma análise ao sangue de Inez de Castro, que, segundo a tradição, gotejou sobre as pedras da Fonte dos Amores, fixando-se para sempre, tão vivo e vermelho, como se fôsse recentemente vertido... Jean Jacques Robert, interrompendo-me, perguntou: — «Chamava-se Edward Reginald esse inglês?»

— «Creio que sim... Não me recorde bem... Já lá vão cinco anos...

— «Deve ser o mesmo. Conheci-o em Paris, em 1922, e já então o preocupava o «sangue de Inez de Castro»... Vi-o depois, em 1927, em Dublin. Ele era escocês e católico. Pobre Reginald!

— «Pobre, porquê?»

— «Está irremediavelmente perdido. A família internou-o no Manicómio de St. James, e os médicos declaram-no incurável. Sim... O inglês que você conheceu em Coimbra enlouqueceu! É a causa da sua loucura foi precisamente o «sangue de Inez de Castro» — o «Segredo da Quinta das Lágrimas»...

E contou...

## UMA ANÁLISE INVULGAR

— «Como já lhes disse, conheci em 1922 o químico inglês Edward Reginald (químico e quasi médico, visto que cursou até ao terceiro ano a Faculdade de Medicina). Apresentaram-no num «café» de Montparnasse, porque tanto ele como eu continuávamos a fazer a mesma vida pobreznica de estudantes. Uns copos de *Aimer-Picon* excitaram-nos ao intercâmbio de confidências, e depois de eu desabafar os meus sonhos de futuro, elle abriu-se comigo e falou-me das extraordinárias revelações que se podiam obter sujeitando o sangue de Inez de Castro a uma série de análises através dos mais avançados progressos da Química. Para lhes ser franco, nessa época só conhecia Inez de Castro graças à minha selecta dos liceus, e não estava bem certo se o drama se desenrolara em Portugal se na Hungria! É possível que a erudição de Reginald não fôsse mais vasta do que a minha, mas quisera a fatalidade (digo fatalidade porque disso nasceu o seu mau destino...) que lhe tivesse vindo às mãos a tradução inglesa dum livro de Franz Beethoven (descendente do célebre compositor), que esteve em Coimbra, que estudou até à sua es-



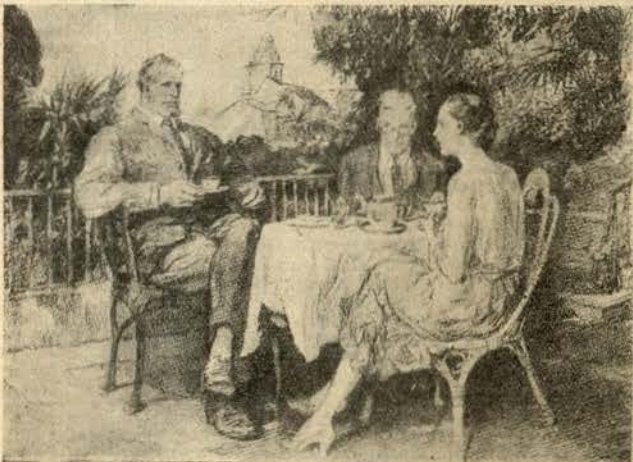
M.<sup>me</sup> Rasseneur

sência todo o trágico episódio e que cita as *gotas de sangue da Fonte dos Amores* com a firmeza, não de quem aponta uma lenda, mas sim de quem regista uma verdade histórica, comprovada e inofismável! Reginald, mórbidamente destinado às emoções exageradas, deixara-se impressionar, primeiro pelo romantismo alfitivo da tragédia e depois pelo reflexo que os vestígios seculares dessa tragédia tinham produzido na sua sensibilidade de homem de ciência. Aguardava, ansioso, a resolução dum problema financeiro da família, para vir a Portugal tratar do assunto; mas era tão forte a sua obcecação que o torturava o temor que outro se lhe adiantasse, surpreendido de que não tivesse aparecido ainda nenhum químico a intentar o estudo d'esse enigma! Quando elle me reconstituiu o assassinio da «bela Inez», explicando-me a razão porque o sangue salpicara o fundo empedrado da Fonte, não pude reprimir o meu pasmo e o meu sorriso: — «A Fonte dos Amores estava sêca nessa ocasião?» — indaguei. — «Não estava, nem está! — afirmou Reginald. — «Nesse caso como quere você que eu tome a sério essa lenda? Como era possível que a água não apagasse rapidamente as manchas de sangue e que, golfando, durante séculos, da gárgula, permitisse a essas manchas a sua fixação até hoje?»

«Reginald estava sob um nervosismo estranho, electrizado de entusiasmo; e a minha contradição, em vez de o irritar, parecia apaixoná-lo: — «Mas é precisamente nessa aparente inverosimilhança que se baseia a minha fé nos resultados dos meus futuros trabalhos! — declarou. — Essa constância excepcional, que aos olhos videntes do povo é a característica do milagre, a revelação de Deus estigmatizando o crime com a sua cólera divina e abençoando a vítima com a sua infinita piedade, significa, aos meus olhos de homem de ciência, de químico, um sintoma precioso. Sendo eu um crente sincero não afasto a ideia de Deus — mesmo quando sistematizo cientificamente um fenómeno — porque concluo que, se Deus não quisesse, esse fenómeno não se produziria.

«Você está em dia com as teorias do norueguês Karl Bjovern? Elle apresenta, num dos seus livros, vários casos de globulos sanguíneos reveladores

(Conclue na pag. 14)



Fui convidado a jantar por um colega irlandês e sua esposa



# NO ANTRO DE Al Capone

Os bastidores secretos do «Colosimo's» revelados pelo bailarino Betty Henriques, amigo do «Rei do Crime»

## Resumo das anteriores reportagens

Betty Henriques, um bailarino português, um autêntico virtuoso da dança que Lisboa conheceu no início da carreira, emigrou há anos, conquistando a máxima fama nos Estados Unidos, onde se tornou o artista da moda. Conhece, apenas de nome, o célebre Colosimo's de Chicago, cabaret que só contrata os verdadeiros áses do music-hall e que é a máxima glória para o artista que nele trabalha. Um dia, em New-York, Betty Henriques é contratado para o Colosimo's. Na noite da sua estreia e após o seu insosfismável triunfo, o gerente comunica-lhe que o patrão o quer conhecer. — «Quem é o patrão?» — pergunta o nosso compatriota.

Al Capone, o «Rei do Crime», o Machiavel do banditismo moderno, cujo nome ecoa em todos os continentes!

## A PRIMEIRA CONVERSA

Betty Henriques deixou-se guiar pelo gerente, alheio a toda a animação do cabaret e aos olhares e comentários que a sua passagem provocava. Súbito, viu duas mãos enormes, carnosas, papudas, fáscentes de jóias, que se lhe estendiam... Aceitou, inconsciente, o shake-hand e ao erguer o olhar, estremeceu: reconhecia o hercúleo encasacado cuja entrada na sala causara sensação. A ideia de que estava a apertar a mão a Al Capone, cujas proezas enchiam, todos os dias, os jornais, afoqueou-o num misto de pudor... e de emoção. Num gesto irreflexo, circunvagou o olhar, a ver... se o estavam observando. Notou então que uns indivi-

duos suspeitos que se haviam abançado, estrategicamente, em mesas vizinhas da sua, embora disfarçassem com a leitura dos programas ou mergulhando em palestras alegres, não desfitavam o «Rei do Crime» nem retiravam a mão direita do bolso do smoking... Al Capone, experimentado por todas as aventuras, é um psicólogo profundo. Lê nas almas, melhor talvez do que nos livros... Por isso se sorriu, com generosa ironia, da perturbação que causara no jovem artista português.

— «É muito raro que eu tenha o capricho de conhecer artistas. Basta-me vê-los trabalhar, porque os meus negócios (?) não me dão tempo para mais. Nem sequer intervenho neste capítulo da administração do Colosimo's, que, como sabe, é meu... Mas, francamente, o seu número impressionou-me. Nunca vi bailar como o senhor... E por isso pedi ao gerente que me apresentasse, para o felicitar. E já agora, deixe-me dizer-lhe uma coisa...» Al Capone calou-se, reclinou um pouco, semi-cerrou as pálpebras como um médico que se prepara para diagnosticar, e concluiu: «Simpatizo consigo, e quando eu simpatizo... simpatizo! Pode contar com a minha amizade...»

Este último oferecimento, que podia alegrar outro qualquer, produziu no nosso compatriota — é ele quem o confessa — uma sensação de perigo, o que não passou despercebido ao «Rei do Crime».

— «Não julgue que o vou convidar... a trabalhar nos meus negócios. Deus o livre de tal! Os meus amigos... são meus amigos e mais nada! Compreende?» E como para mudar o rumo à conversa, perguntou: «É português, não é verdade? Somos irmãos pela raça... O português, o espanhol e o italiano parecem-se muito. Eu sou cidadão americano, porque nasci neste país, e por isso os meus inimigos não podem expulsar-me, mas o meu sangue é todo italiano. Não há misturas, garanto-



Uma das entradas do «Colosimo's», o «cabaret» de Al Capone e o berço do banditismo trágico de Chicago

—lhe... Estou em vésperas de montar um serviço com Portugal, por causa... por causa de um dos seus produtos. (Pela piscadela de pálpebra com que Al Capone acompanhou esta referência, Betty Henriques adivinhou que se tratava de vinho do Porto.) Já enviei até um emissário organizar o negócio — e ele nomeou um agente, que também é português. Não sei se dará conta do recado nem se é de confiança... Eu sou tão generoso no pagamento da lealdade como no da traição...»

Assim terminou a primeira entrevista de Betty Henriques com o «ás» do banditismo de Chicago; e ao regressar ao camarim o nosso compatriota ia por tal forma atontado que se perdeu no labirinto de corredores e invadiu, sem saber como, um recinto penumbroso, denso de fumo de tabaco e onde abundavam canecas de cerveja e garrafas de whisky. Alguém se antepôs à sua passagem — um Hércules que, abrindo os braços, lhe disse: — «Aqui não se entra! Saia depressa!»

Betty Henriques reviravoltou-se, mais atontado ainda; mas a pesar-da rapidez com que esta cena se desenrolara teve tempo para ver, dum relance, vários policemen gigantescos, e fardados, esvaziando, à pressa, canecas de cerveja, e alguns civis que, descuidados, bebericavam whisky, com o dedo polegar enganchado na cava do colete, exibindo assim a chapa metálica com as insígnias de detective. Mais tarde, comentando esta cena, o gerente confidenciou-lhe: «São muitos milhares os polícias que perseguem, ferozmente, o tráfico do álcool e os bandos do «patrão»; mas os que vêm aqui, todas as noites, às escondidas, beber-nos... as cervejas e o whisky proibidos nao são tão poucos como se julga... Eles conhecem o sinal... Batem a uma porta que dá para uma ruela escura. Nós espreitamos e como temos «sentinelas» em todas as embocaduras, e ao alcance de cada sentinela um botão eléctrico que elas carregam mal avistam um grupo suspeito de policemen ou detectives, podemos abrir a porta, sem receio de surpresas. Entram primeiro para um vestíbulo, onde são reconhecidos como... amigos da casa. Às vezes estes apresentam um colega novo (um só de cada vez, por causa das ciadas...) e os neófitos passam a ser também «amigos do Colosimo's». A seguir deixam-se conduzir, como egos, por um corredor em absolutas trevas; passam por uma outra porta secreta que só nos conhecemos e sabemos manobrar, e então entram no recinto que você viu. Ali bebem à vontade, mas sempre doseado de modo a não nos comprometerem aparecendo embriagados em público. Basta dizer-lhe que o valor do álcool que a polícia nos bebe todas as noites regula entre 300 a 500 dólares!!!

## O BERÇO DE AL CAPONE

Uma tarde, após o ensaio, o gerente almoçou com Betty Henriques:

— Foi aqui, neste cabaret, que nasceu o que os jornais chamam o banditismo de Chicago. A casa fora fundada, há muitos anos — e muito antes da

(Conclue na pag. 13)



Betty Henriques (à direita, de pé em camisa), dirigindo uma nova dança de «girls», na sala de ensaios do «Colosimo's»



# A POLÍCIA EM TODO O MUNDO



A «mulher-polícia» de Lenaris

aplicadas no aperfeiçoamento dos seus serviços de espionagem. A hipocrisia de linguagem usada então (a Inquisição chamavam «Santa Fé»; às prisões, «Santa Casa»; ao tribunal, «Santo-Ofício»; aos interrogatórios com suplício, «interrogar com bondade (!!!)» («benigniter», diziam eles, em latim...); à condenação da fogueira, «pena mais suave» («pena clementissima» (!!!)); ao livro das condenações à morte, «livro da vida»; à entrega do precedente ao carrasco, «relaxar») designava a sua polícia com o título de «Santa Irmandade». Os oficiais da Inquisição correspondiam ao cargo de comissários ou chefes de brigada, e recebiam directamente ordens dos cardeais. Cada oficial chefiava uma brigada de vinte «irmãos», ou sejam vinte esbirros ou *detectives*. Os irmãos escalavam-se em duas categorias: os «soltos», que trabalhavam livremente, devassando lares, escutando às portas, espionando segredos, e que, muitas vezes, ocultavam o seu ofício, fregolizando-se... como qualquer Sherlock moderno, e os «séquitos», que só agiam sob as ordens dos oficiais. Os familiares do Santo Ofício formavam um corpo semelhante à nossa polícia cívica, ou seja «fardada», embora a farda constasse apenas de alguns detalhes de guarda-roupa e de «composição». Os familiares agrupavam-se em brigadas que o mais velho chefiava, mas obedeciam aos oficiais, acompanhando-os nas empresas mais difíceis ou perigosas. Também agiam, independentes, quando se tratava de missões de pouca monta. Havia familiares «voluntários» ou «milicianos» que trabalhavam apenas por amor... à Reigião (?) e que, tendo o dever de estarem sempre a postos, só eram chamados quando faziam falta, e os profissionais ou de carreira, assalariados. Cada grupo de familiares compunha-se de dez homens. A Inquisição de Lisboa chegou a manobrar quinhentos e tantos esbirros, entre oficiais e familiares. A de Sevilha, que foi o mais formidável dinamo de dór da Humanidade e a maior organização de todas as inquisições da História, possuía, *sur place*, mil e quinhentos oficiais e familiares e mais de dois mil



O polícia de Roma

espias assalariados, mas completamente soltos, franco-atiradores da informação, que nem sequer entram no tribunal. As suas relações com o Santo Ofício eram indirectas. A Inquisição dispunha de uns intermediários, que eram os únicos que visitavam esses espias, que recebiam as denúncias e que as pagavam...  
Tudo em nome de Deus!

Das polícias modernas, a mais famosa e celebre — graças também à literatura — é a de Londres, ou seja a de Scotland Yard. Scotland Yard é um casarão apalçado cujas entradas estão todas toldadas com arcos de certo valor arquitectónico. O maior interesse novelesco da sede da polícia inglesa são as suas galerias que se cruzam e desembocam em ruas pouco frequentadas e que são destinadas ao serviço dos *detectives*. As portas dessas galerias apresentam os aspectos mais variados; é necessário que o transeunte esteja prevenido para se lembrar que elas abrem para as dependências da Scotland Yard. Graças a este *truc* os Sherlocks oficiais podem entrar e sair sem que ninguém os possa espreitar ou seguir...

Todos conhecem de nome e de tradição Scotland Yard. O que poucos sabem é o segredo dos seus inícios. Ainda numa época relativamente recente — a do governo do admirável Lord Belford —, a polícia de Londres estava organizada por um sistema quase medieval. Existia o «juiz branco» da Torre de Londres — ou seja um burguês eleito



Os uniformes policiais durante o século XIX — modelos de Dresde e semelhantes aos de qudsi todas as cidades europeias

para esse lugar — aliás sem proventos —, o qual por sua vez nomeava os «juizes brancos» dos bairros — comerciantes, quasi todos —, e estes recrutavam entre os vizinhos os seus polícias, voluntários também. A deficiência destes serviços era notável, sobretudo pelo desenvolvimento constante do banditismo. Os «juizes brancos» pediram verbas ao governo para assalarar «polícias profissionais»; mas mesmo assim, devido à falta de unidade e de organização, o crime continuava a crescer, «assustadoramente». Foi nessa época que um literato — James Winter — propôs a Lord Belford o «monopólio» da polícia de Londres. Feito o contrato, Winter pediu auxílio a dois banqueiros judeus e organizou-se a empresa exploradora da polícia — como se organiza uma empresa exploradora de minas de ouro ou de poços de petróleo. Compraram o edifício da Scotland Yard e começaram a recrutar gente, começando a selecção entre indivíduos de certa cultura, destinados às chefias e aos comandos das várias brigadas. No primitivo contrato com o governo, a empresa obrigava-se a policiat Londres com 10.000 homens (8.000 guardas, 1.000 sargentos e cabos e 500 chefes e oficiais e outros funcionários) em troca de 1.000.000 de libras anuais. Dois anos depois, requereram ao governo uma subvenção de 80.000 libras para fardarem os *pollicemen* (até então eles vestiam... quasi que à paisana); mas como o governo apenas concedesse 50.000, modificaram o projecto de uniforme, aprovando-se, com pequenas diferenças, o actual modelo — simples, sóbrio... e económico —, o qual foi desenhado pelo próprio Winter. Só vinte anos depois se criou a primeira brigada de *detectives*. Anteriormente, a investigação dos crimes era feita pelos oficiais da polícia, mas a experiência demonstrava várias inconveniências nessa duplicidade de serviços, sendo uma delas a farda, que alertava imediatamente os criminosos quando os oficiais se aproximavam para inquirirem... O governo aumentou mais uma vez a sua subvenção, organizando-se duas brigadas apenas, de cem homens cada (a maioria antigos sargentos da polícia) e chefiadas por bachareis.

Actualmente, Scotland Yard — informa o último



Os «flics» de Paris

Year Book do Daily Mail — compõe-se de 25.000 *pollicemen* (guardas, cabos e «sargentos simples» — e já explicaremos o que quer dizer «sargentos-simples»), 3.000 oficiais, 5.000 «sargentos-dupos» (são os que, pertencendo à polícia cívica, têm licença para se vestirem à paisana e praticarem o *detectivismo*, para depois se alistarem na polícia secreta), 3.000 agentes-*detectives*; 5.000 *detectives*; 1.000 inspectores; 1.000 funcionários superiores, comissários, técnicos, médicos-legistas, «coroners», antropologistas, arquivistas, burocratas, etc.. Todas as chefias de Scotland Yard, desde os postos de bairro até ao comando supremo, desde as divisões cívicas até às brigadas de *detectives*, são confiadas a chefes ou comissários civis (o que aliás sucede em todos os países, mesmo na Espanha, e com excepção única da Suécia, da Holanda, da Sérvia, de Portugal, do México e do Peru). O ordenado menor de Scotland Yard — que é do *polliceman* em aprendizagem — é de três libras semanais, ou seja, pouco mais ou menos, 1.300 escudos. O chefe supremo de todos os polícias londrinos, o Comissário-Inspector geral Mac-Densy, ganha 1.500 libras anuais; mas existe um subordinado seu, o famoso *detective* moderno Samwel G. Reginald, que recebe mais duzentas libras do que ele. O segredo deste paradoxo é que existe em Scotland Yard um princípio de «prémio» ou «gratificação» dos bons serviços que corresponde a um ilimitado número de subvenções extras — que são agregadas ao ordenado. Pelo posto que ocupa, S. Reginald devia ganhar apenas 500 libras anuais; o restante é a fita métrica das suas gloriosas façanhas policiais.

A polícia mais numerosa do mundo é a de New-York, que se compõe de 60.000 homens. A melhor remunerada é a de Chicago, onde um simples *polliceman* recebe o correspondente a 200 escudos diários. A mais insignificante (não falando nas dos países minúsculos: Andorra, Mónaco, S. Marino, Luxemburgo) é a da Bulgária, composta apenas de 1.000 homens, dos quais 500 prestam serviço na capital, Sofia. A mais atrasada de todas é a da Sérvia, não fazendo falta saber ler e escrever, no recrutamento. Mas a nota mais espantosa desta estatística é a que se refere à República do Paraguai. Em Paraguai não existe uma corporação policial própria dita. A polícia é feita pelo pequeno exército, e este, sendo formado de voluntários, consta apenas de 500 soldados, cabos e sargentos efectivos e... de 1.500 oficiais. Quando a Justiça se defronta com uma investigação criminal, encarrega os burocratas do Estado de a realizarem...

A polícia alemã é de todas a mais avançada, cientificamente. Os seus serviços de antropologia são admiráveis. Como o Reich pretende, desde a paz, burlar o tratado de Versaillies, que reduz o seu exército, dificilmente se pode precisar o número de polícias de Berlim, visto que, oficialmente, se confundem os *shoopem* e os gendarmes com a guarnição da capital. Mas segundo informações mais ou menos imparciais, a polícia cívica de Berlim compõe-se de 16.000 homens, assim



A nova farda de verão da polícia de Hamburgo

divididos: 3.000 para o serviço de circulação; 8.000 de *infantaria policia*; 3.000, de cavalaria e 2.000 de ciclistas, motociclistas e automobilistas (incluindo «tanks»). A polícia secreta é formada por 5.000 *detectives* e 3.000 técnicos (neste número — consta... — estão incluídos os «ases» da espionagem). Um detalhe: a polícia de Berlim é a que cuida mais do cão-polícia. O corpo dos seus *detectives*... irracionais compõe-se de 2.500 cães!

Outra estatística curiosa. O número de polícias (cívicas e secretas) de cada cidade, em contraste as suas populações:

Londres	9 milhões de hab.	38.000 polícias
Paris	4 »	» 28.000 »
Berlim	2 »	» 24.000 »
Hamburgo	2 »	» 20.000 »
Bruxelas	700.000	» 3.000 »
Copenhague	300.000	» 2.500 »
Stocolmo	300.000	» 1.500 »
Haya	300.000	» 1.500 »
Amsterdã	1.000.000	» 3.500 »
Berne	600.000	» 3.000 »
Madrid	1.000.000	» 12.000 »
Viena	1.500.000	» 15.000 »
Varsóvia	800.000	» 20.000 »
Constantinopla	1.000.000	» 5.000 »
Bucarest	700.000	» 3.000 »
Roma	900.000	» 5.000 »
Milão	1.000.000	» 8.000 »
New-York	6.000.000	» 60.000 »
Chicago	4.000.000	» 40.000 »
Rio de Janeiro	1.000.000	» 8.000 »
Buenos Aires	1.500.000	» 6.000 »
Tokio	1.500.000	» 5.000 »

E os uniformes? Durante um século, eram eles quasi sempre — e em todos os países — suggestionados pelas fardas do exército. Só a França começou então a dar-lhe um carácter especial — abonecando o bicorne dos gendarmes e dos primeiros «sergents-de-ville». Actualmente, o modelo inglês — fato negro, divisa branca, tarjada de azul, e capacete negro — é o mais adoptado. Iguais ao inglês são os da polícia holandesa (que usa, a mais, uma espada... de pau, recurva), da dinamarquesa, da sueca, da norueguesa e da italiana. O espanhol assemelha-se-lhe — mas distingue-se pelas «meias-polainas», pelas calças listradas de vermelho e pela espada — igual à da polícia holandesa. A polícia alemã usa um *képi*, recuado sobre a nuca e levantado sobre a pala, à militar. O antigo polícia berlinense era sumptuoso: casco metálico e espada de oficial. O polícia polaco imita o norte-americano — mas sobrepondo àquele modelo o modelo da farda militar nacional: o boné de copa triangular e farda azulada — dum azul semi-claro. O polícia turco, que antigamente se sujeitava ao dogma muçulmano do *fez* vermelho, usa hoje também capacete, mais semelhante ao dos bombeiros do que ao dos *pollicemen* ingleses. A polícia norte-americana usou, até pouco antes da guerra, umas sobrecasacas, fechadas até à gola, chapeadas, sobre o peito, com uma insígnia metálica. O capacete era uma variante do... lugar-comum. Desde a guerra usa boné e fardeta escura. A polícia mexicana adoptou, ultimamente, um capacete extravagante, redondo, sugestão dos «corvetos» indígenas. A polícia chinesa, ainda há poucos anos confundível com as figuras pintadas dos leques, veste à europeia. A portuguesa teve primitivamente um uniforme simplicíssimo, inventado pelo tão ridiculário



Os «schoopen» a cavalo (Berlim)

zado Conde de Santa Maria: boné espanhol (cortado atrás e saliente sobre a pala); farda negra e o espadão dependurado de uma fenda da farda. Em 1890 iniciou-se o cinto de couro e modificou-se o boné. Quando da República, houve uma metamorfose total, e entre cinco modelos apresentados em concurso foi escolhido o modelo inglês, com capacete. Pouco tempo — e poucos guardas — o polícia sinalero marca a primeira reforma notável na farda da nossa polícia.

Quasi todos os países europeus possuem um corpo... feminino (*Honny soit qui mal y pense*) policial. O mais perfeito é o inglês — e este divide-se em dois grupos: um, mais audaz, de calção, bota alta, que auxilia os *pollicemen*; outro, o mais racional, de saia, capacete, luvas brancas e botas altas. Dedicada exclusivamente à moralização social — prendendo crianças e mulheres. O copilador destas notas assistiu já em Londres a um serviço de *pollicewomen*. Foi em Regent Street — esquina de Piccadilly Circus. Através uma janela de «café», avistou, durante algum tempo, dois agentes femininos, no ritmo vai-ve. Anoteceu — e começaram a borboletar as *phalènes* pintadas e suspeitas. Enquanto as *trouteuses* passeavam apenas — elas não intervieram. Mas mal uma ousou... exteriorizar-se, duas *pollicewomen* alargaram o passo e, *ensandwichando-as*, deram-lhes voz de prisão. Imediatamente as companheiras correram em socorro da detida, esboçando uma escaramuça. Com que calma e silenciosa energia (e sem intervenção dos polícias masculinos) elas mantiveram a prisão, dispersaram as amotinadas — e conduziram a presa...

A organização desta polícia foi obra de uma socióloga de muito talento — Miss Edith Reight — e actualmente divide-se em dez brigadas de cinqüenta agentes (polícias, ca-

bos e sargentos), num total, portanto, de 500 mulheres. A maioria destas *pollicewomen* são solteiras e pertencentes a famílias burguesas. Exigem-lhes o curso dos liceus — e ganham quatro libras semanais, o mínimo...

Outro capítulo a registar. As alcunhas com que as várias polícias são apodadas e os nomes oficiais que lhes dão. Em Madrid é «el guardia», «el mono» e «Don Sablazo»; em

(Conclue na pag. 13)



O polícia de Varsóvia (Polónia)



## RASPUTINE,

o «monge-sinistro»,  
foi envenenado  
com vinho de Por-  
to fornecido por  
um português

(Continuação do número anterior)



Uma cena do «Homem dos olhos verdes», filme realizado sobre a vida monstruosa de Gregorio Rasputine

Correram todos e viram-no a meio do jardim, aos tropeções, deixando um rasto vermelho no tapete branco da neve. Incrível vigor, sobrenatural energia a daquele homem, que com as entranhas incendiadas pelo veneno fulminante, picado de balas, os ossos fracturados, conseguia ainda erguer-se e caminhar e tentar salvar-se! Loucos de pasmo, oprimidos pelo terror que aquela teimosia em viver lhes inspirava, os conjurados desfecharam as pistolas, acertando-lhe, derrubando-o de novo. Acercaram-se-lhe e matraquearam-no até lhe esvaíarem um olho. Vieram cordas, amarraram-no, meteram-no num *auto*, deitaram-no às águas geladas do rio. Pois bem... Rasputine, desembaraçando um dos braços, ergueu acima das águas a mão crispada — que durante minutos ficou a agitar-se, como uma ameaça, como uma maldição! Ele ainda vivia!

Conheci em 1926, no Porto, a família do pintor Ramiro Pereira — mais conhecido no Brasil, onde coloca quasi todas as suas obras, do que na pátria. Poucas vezes me foi dado testemunhar uma família tão feliz, sem outro segredo de felicidade do que o da harmonia, da estima e do mútuo respeito, como aquela. Ramiro Pereira, que, justificadamente, não confia muito no futuro dos artistas portugueses que se limitam às nossas fronteiras, fez com que os seus filhos Alberto e Raul Pereira, o primeiro ex-aluno do Conservatório Musical de Leipzig e o segundo pintor, como o pai, e ex-discípulo de Dureane, em Paris, se arriscassem ao triunfo em grandes meios. Alberto está conquistando um nome famoso de concertista em Inglaterra, tendo trabalhado ultimamente no *Piccadilly-Hall* de Londres. Raul, especializando-se no desenho, fixou-se, desde 1928, em Buenos Aires, sendo disputado pelas mais exigentes revistas argentinas. Dos dois, foi Raul quem conviveu mais comigo, quando estanciei no Porto. De tempos a tempos recebo notícias suas, acompanhadas de exemplares dos «magazines» onde colabora ou que o lisonjeiam, com críticas dignas do seu indiscutível talento. A sua última carta data de 10 do mês passado — e traz-me a seguinte reportagem, por ele surpreendida com o objectivo de a brindar ao meu jornal. Eis-la:

«A colónia portuguesa em Buenos Aires é menor do que a própria colónia turca. Abundam apenas os algarvios e os minhotos que emigram como trabalhadores manuais. Compatriotas nossos doutra categoria só alguns comerciantes e um minúsculo grupo de intelectuais. Entre estes devo

citar (porque é ignorado aí) Amílcar Saldanha, que sob o pseudónimo de *El Encano Verde* ocupa um lugar de destaque no jornalismo *rioptatense*. Sendo poucos, conhecemo-nos todos uns aos outros. Daí a minha admiração ao ser informado, há poucos dias, da existência de um «intelectual» português que nunca aparecera nas nossas tertúlias nem nos pontos de reunião habituais. Chama-se Herculano Lobato, descende da família do célebre comediógrafo do «Comissário de Polícia» e do «Burro do Sr. Alcáide» — Gervásio Lobato —, orça pelos cinquenta anos, é rijo, simpático, inteligentíssimo, senhor duma cultura invulgar, mas extravagante, um pouco maniaco, fazendo uma existência muito sua e solitária. O seu passado é emocionante, porque o seu espírito aventureiro o obrigou a jornadas folhetinescas, começando por se oferecer aos boers, como voluntário, quando da guerra contra os ingleses. Viveu muitos anos na Rússia; veio para a Argentina em 1918 e, escrevendo correctamente o espanhol, dedica-se à manufactura de livros anónimos de venda garantida, os quais, se não o premiarão com outra fama que não seja a que goza entre os editores que o perseguem com encomendas, lhe garantem uma vida mais que desafogada e um futuro tranqüilo. «El segredo del Tibet», que tem já 8 edições, e o «Manual del Perfecto Prestidigitador», de que se venderam 15000 exemplares, são inéditos seus — embora venham assinados com nomes estrangeiros. Ganha, em média, 500 a 1.000 pesos mensais; cerca-se de todas as comodidades, veste como um «dandy» e — caso raro entre portugueses emigrados — não é egoísta.

«Você, Reinaldo, há-de perguntar para que diabo lhe conto eu todas estas coisas... Já lá vamos! Como lhe disse, só há pouco conheci Herculano Lobato e logo nos enlaçou uma mútua e sincera simpatia. Em consequência dessa simpatia — confidenciou-me vários capítulos da sua emocionante existência. Jantámos ontem no «Toby» — e no fim do jantar, convidando-me a entrar num *appartement* para beber uns cálices de Porto velho — delicioso, por sinal —, disse-me de chofre: «Via-

jei sempre com um bom *stock* de Porto para uso pessoal; e graças a um mau hábito — tornei-me cúmplice da morte de um dos patifes mais nefastos da Humanidade: de Rasputine.» Fitei-o, entre surpreendido e incrédulo. E ele, para que as suas revelações não fôsem tomadas como basófia, desenterrou das malas vários documentos e, exibindo-os, contou-me o que se segue. Em 1914 estava na Alemanha. Já nessa altura queimara duas fortunas — ganhas com o seu trabalho; e tentava conquistar uma terceira, jogando na finança. Veio a guerra, e ele, querendo fugir da Alemanha, escolheu a Rússia para refúgio, por dois motivos: primeiro, porque não a conhecia ainda, segundo, porque estava embebedado por uma jovem moscovita, estudante da Universidade de Berlim. Para poder manter-se em Petrogrado, comprou um *stock* de Porto autêntico e levou-o, com ele, para o negociar. Os seus primeiros anos da Rússia, em plena lua de mel amorosa, fôram minutos de Paraíso. Mas um homem interveio na sua felicidade, e a doce amante, que era o último raio de sol da sua longa mocidade, deixou de o amar — e de aparecer. Se o amor obceca, numa suave embriaguez de todas as horas, o ódio não deixa de oferecer os seus encantos, ácidos, alacres, amargos... Herculano Lobato tornou-se, a partir de então, solitário e indiferente a tudo — menos ao seu ódio. Seguiu de perto, para se entreter, a hipotrofia das infâmias do «pope-maldito».

«Um dia chamam-no ao telefone. Era um amigo, dos outros tempos — um inglês, morto depois na revolução bolchevista — que o convidava para o jantar... Súbito, uma troca de linhas, e a voz do inglês foi substituída por outras vozes que dialogavam telefonicamente em francês. Logo as primeiras palavras sobressaltaram Lobato... Foi muito cautelosas e maçónicas que fôsem as expressões que eles trocavam, menos cautelosas pela garantia de falarem em idioma estrangeiro. Lobato, inteligente como era e atento como est. va a tudo quanto se referisse a Rasputine, pressentiu que um deles mareava para uma data próxima uma reunião da mais alta gravidade; que havia um «maldito» que devia cair numa cilada; que se devia aproveitar a ausência do maior protector dêsse «maldito» (os jornais noticiavam naquela manhã a partida do *tsar* para o *front*) e que era preciso, forçosamente, encontrar-se bom vinho de Porto, autêntico e preciosamente antigo; que já o tinha procurado em vão nos armazéns da especialidade; que sem êsse vinho — nada feito!; e que tudo, em *Moika*, estava a postos...

Lobato sentiu-se profeta da verdade semi-oculta. O que não ouvira, concluiu ou adivinhara. O seu instinto garantia-lhe que se tratava do assassínio do «pope-maldito»; e a recordação de alguns boatos que rabiavam pela cidade levá-lo a aduzir,

(Conclue na pag. 11)

Fac-simile da assinatura de Rasputine



# Homens & Factos do Dia

(Continuação da pag. 3)

seu actual horário de trabalho ser quasi do dobro das horas, adormece mais tranqüilo e digerindo sempre um dia bem vivido, bem saboreado, e na certeza de que o dia seguinte será melhor ainda; que lhe trará um encanto novo, uma satisfação inédita — porque os próprios prazeres, se são sempre iguais, aborrecem como os desgostos! Combinou comigo uma teatradá para o dia de quinta-feira próxima, visto que estava livre nesse dia. Jantámos juntos, num restaurant maravilhoso de Piccadilly — maravilhoso a dois shillings por cabeça! — e trocámos confidências. A certa altura, Fulano perguntou-me: «Tu sabes o que me decidiu a emigrar? Pois ouvi-me... Havia muito que a vida se me tornara insuportável, impossível, sobretudo desde que meu tio me enviou uma vez a Londres, a tratar dos seus negócios! O contraste entre as duas vidas era flagrante! Mas o que acima de tudo fazia a minha infelicidade parece um paradoxo: eram — infeliz gozando de todos os confortos, de todas as vantagens! — as lendas que se teciam à minha volta. Era obrigado, pela própria mecânica social, a conhecer gente, a lidar com muita gente. Cauteloso — evitava nas minhas palestras a menor referência aos ausentes e a mais insignificante confidência a respeito da minha intimidade. Julgava eu que assim me assegurava contra os boatos, os ditos, as invenções! Bem sei que era exigir muito — essa excepção —, posto que ninguém, no nosso país, pertencendo a uma certa categoria social, se livra desses potins e que todos se resignam a eles, aliviando-se com a invenção de outras calúnias contra os que as desflecharam primeiro. Mas é preciso ter o feito nacional; era preciso estar disposto a isso — e eu não estava, e irritava-me, afligia-me, agoniava-me... Hoje dizia-se

que eu namorava M.<sup>elle</sup> Z...; amanhã que eu tivera uma cena de pugilato com Chiquinho B... por causa da Bibi...; depois que — eu sei lá o que eles fantasiavam todos os dias! Ora tu sabes que eu estive para casar com a filha do conhecido T... Uma acção pouco... pouco correcta, cometida por ela, desfez esse plano. Mais tarde o flirt prendeu-me um pouco junto a M.<sup>elle</sup> L... — amiga da minha ex-noiva. Era um flirt com possibilidades de uma metamorfose mais séria — e creio que estava ali a minha felicidade. Mas — e os outros? Os outros não o consentiram. Todos os dias vinham cochichar-lhe qualquer novidade tóxica... Uma tarde, a porta da casa de M.<sup>elle</sup> L... foi-me interdita... Os pais proibiram a minha entrada. Porquê? — quis saber. M.<sup>elle</sup> L... consentiu em me falar, às ocultas, a meio da noite, da janela para a rua; e entre lágrimas contou-me o que toda a cidade contava e que eu ignorava: que eu, apesar do que se passara, tinha o impudor de visitar todos os dias a filha de T... — pessoa que nunca mais vira, em quem nunca mais pensara e por quem sentia o mais gelado dos desinteresses... — «E tu acreditas?» — perguntei-lhe eu! — «Que queres tu que eu faça... Todos o afirmam... O Chiquinho diz que te viram de braço dado com ela e com o outro; o Manecas garante que tu és infalível em casa dela, todas as noites; a Zézé jura que tu comes lá em casa... A...» Não quis ouvir mais nada! No dia seguinte preparava o passaporte — e na outra semana partia para Londres. E detalhe curioso: a pessoa em questão — soube-o depois — não vivia em Lisboa desde que eu rompera relações com ela.»

Os patriotas não fizeram comentários. Pudera! Cinqüenta por cento entre eles tinham na consciência culpas mais graves... R. X

bato saíu do palácio deixando o príncipe petrificado, sem alcançar o sentido das suas palavras, mas presentindo algo de muito grave... Lobato ignora o efeito que produziria em Yossouppoff as garrafas do «Porto», ao desempacotá-las! Sabe, sim, que dois dias depois toda a gente cochichava que Rasputine desaparecera; que a policia, alarmada e excitada pelas ordens da imperatriz, vasculhava toda a cidade; que aparecera uma galocha do poe próximo ao rio e que os mergulhadores, emergindo, trouxeram o seu cadáver; que os médicos constataram que Rasputine tinha o estômago, o fígado e os intestinos trespassados pelas balas; o crânio e os ossos de uma das mãos fracturados; um ôlho esvasiado; o estômago cheio de vinho — parecia Porto —, e que este estava envenenado; mas que a morte fôra causada pela asfixia, visto que os pulmões estavam hipertrofiados pela água... A imperatriz, fortalecendo o seu carácter voluntarioso e despótico com a exaltação histórica que a morte do seu «santinho» lhe provocara, exigia as mais cruéis vinganças, acusava em voz alta Yossouppoff, Dimitri e os outros conjurados, dizendo que seriam fuzilados sumariamente; o tzar, que ela chamara telegraficamente, regressara do front; a Okhrana interrompeu a viagem que os assassinos tinham tentado para fugirem da capital, obrigando-os a regressar a Petrogrado e a não saírem de suas casas; e o povo, ajoelhando-se frente ao palácio de Moika, orava para que Deus protegesse os que o tinham salvo das garras do «monge-maldito»... Entretanto, os amigos de Yossouppoff aconselhavam o imperador a não castigar os assassinos, acovardando-o com o espantinho da revolução... A pesar da transigência do Nicolau, a revolução estalou; o bolchevismo implantou-se; Yossouppoff, obrigado a emigrar, fez-se... modisto em Paris, para poder viver, e Lobato, saindo pelos Balkans, emigrou para a Argentina. Na véspera de partir, quando em Petrogrado estalejavam as primeiras fuzilarias da revolta, um creado veio trazer-lhe, misteriosamente, uma carta. Essa carta dizia assim: «Senhor: Só hoje, e a poucas horas de abalar da terra onde nasci e onde dormem os meus antepassados, talvez para nunca mais cá voltar, me é possível cumprir um dever. O dever de agradecer-lhe o vinho do Porto que espontaneamente me ofereceu... Não sei se foi Deus que o guiou ou se agiu conscienciosamente, avisado por milagroso acaso. Seja como for, agradeço-lhe; e embora não fosse tão a tempo que evitasse esta tragédia que se está desenrolando, não pode medir a importância imensa do seu gesto. É possível que nunca mais nos encontremos. O que lhe garanto é que nunca mais o esqueço e que se o meu inútil sacrificio ficar na história, o seu nome acompanhá-lo-á. De V., etc. — Yossouppoff.»

«Lobato guarda esta carta como se fosse uma reliquia. Pediu-a para a copiar, explicando-lhe o objectivo do meu pedido. — «Está bem... Sabe Deus o tempo que viverei, e é bom que se conheça, pelos séculos fôra, sempre que se evocar essa sinistra figura que foi Rasputine, germen da inquietação mundial, que papel o nosso vinho do Porto representou na tragédia da sua morte!... De V., amigo certo, Raul Pereira.»

Senhores... São muitas as glórias que devemos ao vinho do Porto. E no dia em que se construir um museu para os seus trofeus, que não se esqueçam deste episódio histórico, que é dos mais gloriosos. REPORTER X

# RASPUTINE

(Continuação da pag. 10)

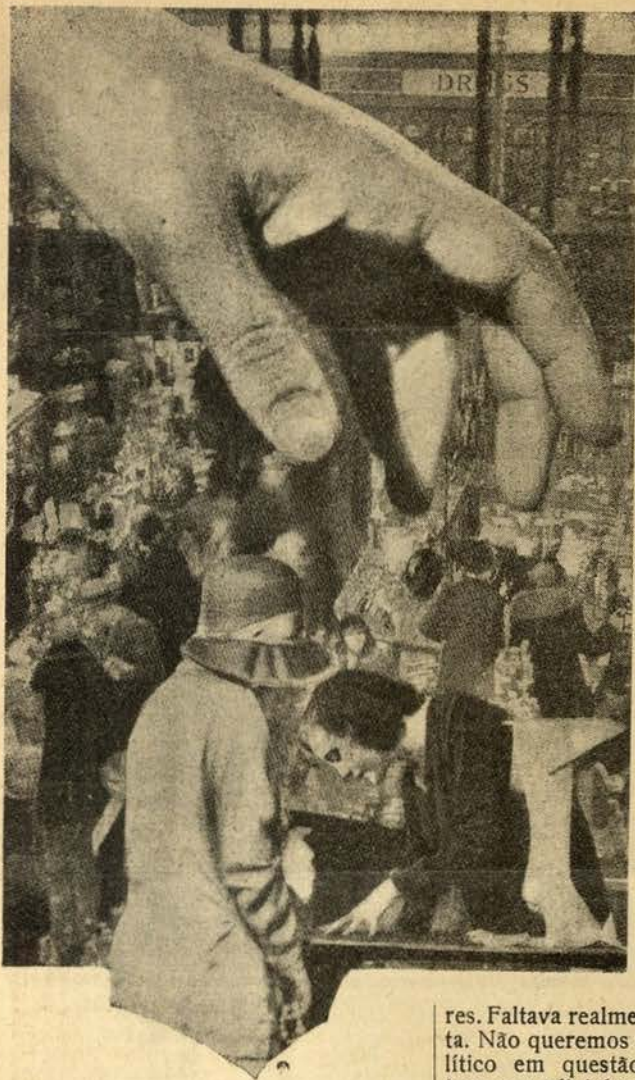
através aquelas meias palavras, que o seu instinto não lhe mentia. Mas quem eram os conspiradores? Nenhum ponto de referência, a não ser um nome: Moika. Nessa noite, escreveu ao inglês desculpando-se de não ir jantar e perguntando-lhe se ele conhecia alguma rua, suburbio ou vila, em Petrogrado, chamada Moika. A resposta, que ele guarda e que me mostrou, dizia: «Moika é o palácio herdado pela princesa Wanda, sobrinha da imperatriz e esposa do príncipe Yossouppoff.» Na manhã seguinte Lobato telefonou ao príncipe pedindo para lhe falar em assuntos da mais alta im-

portância. Yossouppoff, surpreendido, marcou uma entrevista para aquela noite. Lobato compareceu, ajoujado com um pesado embrulho.

«Pouco tenho a dizer a Vossa Alteza... O assunto a que me referi está guardado nesta caixa que eu deixarei ficar em seu poder, se me permitir. Apenas rogo a Vossa Alteza um favor: que só a abra quando eu sair e que a aceite como prova de gratidão de um estrangeiro que está prestes a dever-lhe uma imensa gratidão! É possível, quasi certo, que não nos tornemos a ver, e por isso adianto o meu agradecimento... Lo-

AZEITE  
SANTA CRUZ  
O melhor para mesa  
RUA DO ALMADA, 179-1.º  
TELEPHONE 4697 — PORTO





**Um político espanhol rouba uma colher de prata — Adão e Eva — Os furtos de Cresus — Um fidalgo que furtava carrinhos de linhas — Um escândalo teatral — Um médico perigoso... — Um ministro cleptómano**

**P**ARA certos temperamentos doentios, roubar é uma necessidade orgânica, imperiosa, como o comer ou respirar, que, não sendo satisfeita prontamente, pode causar graves prejuízos físicos. E esta enfermidade, que a Ciência já catalogou com a etiqueta de Cleptomania, ataca de preferência pessoas que em todos os actos da sua vida são de uma honestidade impecável e que possuem meios bastantes para prover ao seu sustento. O cleptómano não é, portanto, um indivíduo que furta para viver ou em obediência a impulsos deshonestos. É um ente aparentemente normal que oculta esse defeito

## Grandes ladrões de pequenos roubos

perigoso. Há indivíduos de posição de destaque social que cometem roubos insignificantes. Luís Oteyza, antigo director do grande jornal madrileno *La Libertad*, contou-nos há anos, quando de uma das suas visitas a Portugal, que tendo convidado para jantar certo político de grande destaque na monarquia espanhola, político que usava um título aristocrático e possuía uma espantosa fortuna, vira com os seus próprios olhos o seu illustre convidado surripiar uma colher de prata e escondê-la na algibeira com a presteza de um escamoteador profissional. Para melhor se convencer de que não fôra uma ilusão dos seus olhos, findo o jantar, Oteyza mandou contar os talhe-

res. Faltava realmente uma colher de prata. Não queremos revelar o nome do político em questão mas os leitores deitem-se a adivinhar que talvez não errem nos seus calculos.

Até há reis cleptómanos. Fallières contava, às vezes, cheio de espanto e indignação, que certo rei muito popular na Europa, que visitava a França, sendo recebido por êle no Eliseu lhe furtara nas suas barbas uma cigarreira em ouro com que sua espôsa o presenteara pouco tempo antes.

A Cleptomania é uma doença tão velha como o mundo. Não sabemos de fonte segura se Adão era cleptómano. A Bíblia pouco nos elucida sobre o assunto. Mas Eva era cleptómana com certeza, porque de contrário não teria cubiçado a maçã com que Adão se engasgou... Na antiga Roma houve grandes ladrões de pequenos roubos. Cresus, o milionário que emprestava dinheiros aos imperadores, era um grande ladrão de pequenos furtos. Que necessidade tinha êle de roubar, êle que era o homem mais rico de Roma? O seu campo de acção, segundo conta um velho cronista cujo nome não nos ocorre agora, era nos balneários onde se entretinha a

roubar pequenos objectos de vestuário. Em Portugal a Cleptomania é uma doença muito mais espalhada do que muita gente imagina. É enorme a quantidade de pessoas de boa sociedade que se entrega cautelosamente a êsse prazer proibido. Por vezes, succedem-lhes precalços desagradáveis. Ainda há bem poucos anos foi descoberto em flagrante um cavalheiro que se entretinha a furtar, num grande e conhecido armazem de fanheiro, todos os objectos que havia à sua mão lesta. Aproveitando a confusão da grande concorrência do estabelecimento, o sr. C. de P., filho de uma nobre família portuguesa, furtava os objectos mais dispares: mãos cheias de carrinhos de linha, maços de lãs para bordar, retalhos de seda, lenços, etc.. Todos os dias levava uma coisa para casa. Até que lhe deitaram a mão. Conduzido ao Governo Civil e declinada a sua identidade, moveram-se empenhos para abafar o escândalo. A família suplicou aos jornais que não publicassem nem uma linha sobre o caso, e os jornais condescenderam. Era humano. Entretanto, a policia foi apreender nos aposentos do fidalgo, cujo nome disfarçamos com as iniciais C. de P., uma infinidade de objectos — todos da mesma cor: verde. A doença tinha a particularidade de lhe provocar uma cubiça irresistível pelas coisas verdes. Se não as podia levar — confessou êste cleptómano estranho —, havia no entanto de tocar-lhes, roçar-lhes com os dedos.

Entre a gente de teatro também esta doença esquisita tem feito os seus estragos. Há anos estalou um escândalo nos bastidores de um teatro de revista, porque uma «estrela», que foi o ídolo das plateias, se entretinha a roubar insignificâncias dos camarins das colegas. Uma delas estava disposta a apresentar queixa à policia contra E. S., tendo sido demovida dêsse propósito a rogo de um político muito conhecido que era ao tempo o amante ostensivo da «estrela».

O dr. H. F. é um cavalheiro austero, um homem de ciência muito considerado, sendo as suas opiniões acatadas quasi sem discussão pelos seus colegas. Pois o dr. H. F. perdeu quasi toda a sua clientela. Hoje ninguém o chama a casa e os que ainda têm fé na sua sabedoria, em vez de chamá-lo, procuram-no no consultório, onde mais difficilmente o illustre homem de ciência pode furtar os consulentes. O dr. H. F., um frequentador da «Brasileira», tudo quanto apanhava a geito em casa dos doentes metia nas algibeiras. Chegavam os objectos a fazer um volume denunciador



dentro do casaco ou do sobretudo. As famílias, quando ele entrava para examinar os doentes, vigiavam-no com enorme atenção. Ele, porém, absolutamente esquecido dessa vigilância, não se coibia de lançar mão de um estojo, de um «bibelot», chegando algumas vezes a levar consigo as bengalas que encontrava nos bengaleiros. Não era raro os donos assistirem, assombrados, ao descarado furto, calando-se com vergonha de envergonharem o médico. Toda Lisboa o conhece mas muita gente ignora o seu estranho vício, motivo porque ele ainda vai encontrando objectos para empalmar.

E agora, para rematar, uma novidade sensacional: Já tivemos um ministro cleptómano. Mas, caso curioso, apesar de lhe estarem confiados os bens do Estado nunca ao Estado faltou um centavo durante o tempo em que ele sobraçou a sua pasta. Estamos daqui a adivinhar a impaciência do leitor. Queria que lhe revelássemos o nome, ou pelo menos as iniciais. Não cometemos essa indiscreção. O jornalista deve ser curioso mas nunca levar essa curiosidade a confundir-se com a reles bisbilhotice, que é a forma mesquinha que toma a curiosidade das senhoras vizinhas.

GUIDO RUIVO

## AL CAPONE

(Continuação da pag. 7)

lei seca —, por Mr. Leoni. Mr. Leoni ganhou uma enorme fortuna, nos bons tempos. A lei seca veio prejudicar imenso o negócio. Foi então que entrou aqui pela primeira vez Al Capone. Ninguém o conhecia. Vinha propôr um negócio: o negócio de explorar, por sua conta, o fornecimento clandestino de bebidas alcoólicas. Mr. Leoni hesitou... A proposta era tentadora — mas... Al Capone quem seria? Informou-se e contaram-lhe todo o passado do desconhecido. Era, já então, todo um romance. Filho de honrados operários italianos — desde muito novo que ele, mostrando-se trabalhador, empreendedor e audaz, evidenciava também uma exagerada ambição... e espírito decidido e valente, pouco vulgar. Não tinham já número os «casos» mais ou menos sangrentos que lhe atribuíam. Mas assim como no «bas-fond», sobretudo no «bas-fond» da colônia italiana, todos o temiam ou o respeitavam, na polícia todos admira-

# A polícia em todo o mundo

(Continuação da pag. 9)



O «guardia» espanhol

Paris, oficialmente, são «gardiens de la paix» e «sergents de ville»; em «pa-tait» — alcunham-nos de «flicks» e «singes»; em Berlim, de «shoopens»; em Londres, «right-right» — em «argot»; em Lisboa... de macacos sem rabo...

Agora a nossa; e como modelo a de Lisboa — que, justiça lhe seja feita, tem-se imposto nos últimos anos à população, graças, exclusivamente, à sua evolução, aos seus progressos, ao seu aperfeiçoamento técnico, muito mais digno de nota se tivermos em conta a estreiteza dos recursos de que dispomos e o esforço, dedicação e inteligência necessários para alcançar, no nosso meio, os resultados obtidos. É um dever patentarmos daqui a nossa gratidão ao Dig.<sup>mo</sup> Comissário da 4.<sup>a</sup> Divisão, Ex.<sup>mo</sup> Sr. Tenente Pessoa de Amorim, que, por gentil autorização do Dig.<sup>mo</sup> Comandante, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Major João Marques, nos fez a valiosa fineza de nos reitir as informações que seguem — as quais, além de inéditas, ofere-

cem a nota de maior interesse desta reportagem.

A P. S. P. de Lisboa compõe-se actualmente de 35 chefes, 160 sub-chefes, 80 ajudantes e 2.320 guardas. A Polícia de Trânsito consta de 1 chefe, 10 sub-chefes, 1 ajudante e 161 guardas. A Polícia Administrativa de 4 sub-chefes e 75 guardas — dos quais — detalhe de evidente progresso — dez são *fementinos*. Funcionários superiores: 1 comandante, 1 segundo comandante, 4 comandantes de divisão (capitães), 4 comandantes de secção (tenentes), 3 comissários e 4 médicos. Vencimentos — que contraste com os *pollicemens* de Chicago!!! —: Um chefe: Esc. 842\$76 (fóra os descontos); um sub-chefe: Esc. 598\$50; um ajudante: Esc. 560\$22; os guardas ganham entre Esc. 500\$00 (1.<sup>a</sup> classe) e Esc. 410\$64 (os que têm menos de um ano de serviço).

Que nos seja permitido um comentário: Com este soldo, que mais podemos nós exigir dos nossos polícias, quando mesmo os pior pagos da Europa — como os italianos e os espanhóis — recebem 950 liras e 320 pesetas — soldos mínimos? Outro detalhe: Que se tenha em conta o número da nossa polícia, em relação à população de Lisboa (quasi 700.000 habitantes), e que se compare à das polícias das outras capitais europeias... R. F.



O «polliceman» de Londres

ravam a inteligência com que ele se escamoteava sempre pelas malhas da lei... Conseguia provar sempre a sua *inocência*, mesmo nos crimes em que parecia evidente a sua dedada. O que principalmente o guiou ao máximo poderio entre o seu meio foi a sua façanha no Sindicato Secreto dos Trabalhadores Italianos. Como V. sabe, os italianos pululam em toda a América — mas em Chicago mais do que noutra cidade. São talvez 300.000 — ou mais! O italiano quando emigra organiza logo uma associação secreta. Em Chicago existem várias, mas a maior, a mais temível, a que mais amedronta — até a própria polícia! — é o Sindicato Secreto dos Trabalhadores Italianos, espécie de «Maffia» operária ou de sindicato operário com o ritual de uma «Maffia»... Tem cem mil sócios — e a sua força não conhece limites. As cotas totalizam uma fortuna todas as semanas. Ai do socio que trair os juramentos feitos! Ai daquele que desobedecer, no mínimo, às ordens superiores! Ai do estranho sobre quem caia o ódio e a condenação do sindicato! Em 1910 — declarou o chefe da polícia de Chicago —, 50 por cento dos crimes cometidos nesta cidade eram obra da associação secreta dos italianos! Um dia Al Capone resolveu apossar-se desse enorme dinamo, desse extraordinário poder; decidiu guindar-se à chefia suprema desse enorme e sinistro bando! E conseguiu-o. Como? Já o conto — mas deixe-me dizer-lhe, antes de mais nada, que sem essa vitória inicial — de que hoje poucos se lembram ou evocam — Al Capone não teria chegado onde chegou.»

(Continua)

Ler a próxima reportagem: «Al Capone e a «Maffia» dos trabalhadores Italianos.»

### Quereis dinheiro?

Jogai no

## Gama

R. do Amparo, 51-LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo

Sempre sortes grandes!!!

O «Reporter X» vende-se em todas as tabacarias.

Visado pela  
Comissão de Censura

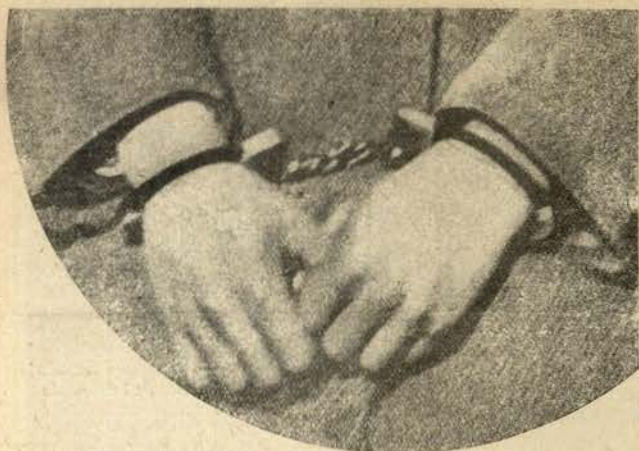
OS  
SERVIDORES



EM MASSA

ALVAIADES





O grande público tem uma paixão absorvente pela literatura policial. O êxito enorme que a *Novela Policial do "Reporter X"* alcançou, prova até que ponto essa paixão se desenvolveu entre nós, acompanhando a curiosidade do público leitor dos países mais cultos da Europa e da América.

Mas os leitores do nosso tempo não se contentam

bém a realidade, a realidade que, dia a dia, a vida fornece. E essa realidade flagrante, nascida dos grandes acontecimentos criminais, só um jornal como o *Detective X* lhes pode dar, palpitante de vida, plena de emoção, directamente inspirada no que de facto aconteceu e não no que poderia ter sucedido.

*Detective X* vem, portanto, preencher uma grande la-

cuna no jornalismo português, focando todos os acontecimentos dramáticos nacionais e estrangeiros, relatando em linguagem simples e acessível as grandes novelas da vida real que se desenrolam com personagens de carne e osso nos *bas-fonds* das grandes cidades, no segrêdo longínquo das pequenas aldeias, nos porões dos transatlânticos, no fundo obscuro das enxovias e no âmago das consciências.

É por isso, é porque o grande público presente que o *Detective X* vai ser o semanário mais original e mais empolgante, que a cada momento recebemos pedidos de assinatura e informações sobre esse agitador de assuntos sensacionais que todas as semanas será disputado pelos leitores ávidos de novas sensações.

## O segrêdo da Quinta das Lágrimas

(Continuação da pag. 6)

dos segredos mais íntimos da alma e do cérebro. Em todos os curiosos casos que ele cita, o sangue recolhido para a análise foi vertido num momento de máxima comoção, ou seja no ante-momento da morte, morte violenta, morte desfechada aos olhos da própria vítima e sem que na sua consciência bruxuleasse uma vaga esperança de salvação! E assim como nem todos os momentos são propícios à formação desses glóbulos, nem todos os indivíduos os podem formar. Só os predestinados, os *excepcionais* pela alma, pelo espírito ou pelo martírio.

«Não quero insistir em Karl Bjovern, mas leia o seu compatriota, o professor Francelois (1), de Toulouse. É ele quem confirma, cientificamente, que a imensa nódoa vermelha do rochedo chamado de St. Rafael, em Bolonha, foi feita, como garante a tradição, pelo sangue do huguenote Rodolphe de Marinac, e Rodolphe de Marinac morreu, assassinado, cinco dias depois de S. Barthélemy, quando tentava embarcar para Inglaterra. É ainda o professor Francelois que nos fala do sangue que salpicou, na tragédia dos reis de Saxe, o fundo de um lago do palácio de Straburgo, e do qual ainda hoje se vêem as manchas através das águas diáfanas. Sabe lá quantos outros salpicos sangren-

tos existem, que nem os séculos nem a água apagam!»

«Tornei a vê-lo, em Dublin, após a sua viagem a Portugal. Ele instalara o seu laboratório num prédio de West Street — vizinho ao meu hotel. Encontrei-o uma manhã... Estava transfigurado. Regressava a casa, ajudado de emburalhados. Contou-me, precipitadamente, que conseguira arranjar à Fonte dos Amores uma das pedras ensanguentadas, que a trouxera com ele; e que lhe dedicava, havia cinco meses, todas as horas do dia e da noite, mal dormindo e mal se alimentando. Saira para comprar umas drogas e um aparelho que lhe faltava... — «Você desculpe-me... Não posso perder um só momento! É apaixonante! O que eu já encontrei, meu caro amigo! Mas falta pouco, faltando, contudo, a suprema revelação! Depois saberá... Os jornais não-de falar! Adeus!»

«E lá foi, correndo quasi, os olhos dilatados, os lábios num constante tremor, como que orando em murmúrio, a barba, que lhe pontegudava o rosto magro, descuidada, as mãos enodoadas, queimadas, encardidas... Foi a última vez que o vi! A minha ida à Irlanda ligava-se com a montagem de um laboratório, nos arredores de Dublin, em Suthpex. Mudei-me para as proximidades da fábrica e durante alguns meses só ao domingo descia à cidade. Terminada a minha missão e nas vésperas da minha viagem de regresso, fui convidado a jantar por um colega irlandês e sua esposa... Não sei a que pretexto lhes perguntei se conheciam Edward Reginald.

— «Perfeitamente! — respondeu a esposa. — Somos até muito amigos dum irmão, que é advogado — William Reginald. Pobre Edward, lá está no «St. James»... Loucura perigosa e incurável! Os médicos já desiludiram a família.»

«A notícia, sem me pasmar, sacudiu-me os nervos. Pedi detalhes. Deram-mos. O irmão andava, havia tempos, amedrontado com os sintomas de desequilíbrio que ele exhibia. Reservado, ao princípio, sobre os futuros resultados das suas análises — como que temendo que as suas esperanças alarmassem os outros —, tornara-se bruscamente exuberante, revelando a todas essas esperanças... Vivía sozinho, no laboratório — e era a porteira

quem lhe fornecia as refeições. Na última semana a pobre mulher veio desabafar ao escritório do advogado: — «Estou assustada — confesso. — O seu irmão há três dias que não me abre a porta, ralhando quando lhe digo que levo a comida. Além disso os vizinhos queixam-se porque ele passa as noites berrando improperios, como se fosse atacado por um bando de malfeitores!» O advogado correu ao laboratório, e a custo conseguiu franqueá-lo. Reginald, desgrenhado, alucinado, babando espuma, caiu-lhe nos braços, chorando e pedindo que lhe perdoasse o crime que *ele cometera*. — «Mas sossega. Tu estás iludido. A que crime te referes tu?» Ele circunvagou o olhar desvairado e colando a bôca ao ouvido do irmão, cochichou-lhe: «Fui eu quem matou Inez de Castro!» A loucura estava confirmada! O pobre Reginald recolheu nessa mesma tarde ao manicómio. Mas o mais extraordinário desse drama é que...

Jean Jacques Robert calou-se; esvaziou o cálice de Porto; inventou um pretexto para se debruçar à janela e respirar o ar fresco da madrugada, e só então prosseguiu:

«No dia seguinte o irmão foi ao laboratório para recolher tudo que pertencia ao pobre louco. A desordem era completa: frascos entornados, vidros estilhacados, aparelhos partidos... Espalhara-se pela atmosfera um cheiro alacre a ácidos! Os únicos objectos intactos eram uma máquina fotográfica e vários utensílios para grandes ampliações. Caídas junto das banheiras de revelação, estavam três ou quatro fotografias, de diferentes dimensões, significando que Reginald as ampliava sucessivamente até conseguir dar determinada nitidez e clareza a qualquer visão miniatural obtida primeiro através do microscópio. Quando o advogado ergueu a maior dessas fotografias e a olhou, sofreu a horrível suspeita de ter enlouquecido também...

«É! que nessa fotografia retratava-se, a meio de uma mancha escura, um homem trajado à moda do século XIV e empunhando uma espada; e o rosto desse homem... era o rosto de Edward Reginald...»

(1) A ortografia dos nomes citados foi reclinada por escrito pelo próprio J. Jacques Robert, visto eu temer qualquer inexactidão oral. (N. do A.)



# REPORTER X EM TODO O MUNDO

## Uma aventura de Lawrence

**E**STE misterioso coronel Lawrence, cuja existência é o maior romance de aventuras que um homem pode viver no nosso tempo, apesar de ter escrito um livro de memórias, for-

A amante de Lawrence



nece sempre assunto para episódios novelescos. Ele visitou todos os continentes, foi várias vezes marechal, chefe e rei de diversas tribus da Asia Central e do Norte.

Entre os seus livros *Os filhos e o amante*, *Arco Iris*, *O bastão de Aarão*, *A Filha Perdida*, *Memórias do meu serviço na Legião dos Estrangeiros*, *O Primeiro Oficial*, destaca-se um particularmente interessante, intitulado *A serpente alada*, que é considerado uma verdadeira obra-prima.

Trata das aventuras de uma mulher da aristocracia que abandona a sua família para seguir para a sua pátria um pele-vermelha seu amante. E vai para o México, onde vive uma vida aventureira e dramática. Ora, as peripécias contadas neste livro são as mesmas que o próprio Lawrence viveu quando foi viver no México.

Essa mulher existia, na realidade, mas não fugiu com um pele-vermelha como se diz no romance *A serpente alada*, mas com o próprio Lawrence. Resta saber que motivos o levaram à terra dos peles-vermelhas. Missão da "Intelligence Service" ou a simples curiosidade de conhecer profundamente as ruínas das civilizações antigas?

Teria vivido Lawrence um simples romance de amor com essa linda mulher que se apaixonou pelo mistério que o rodeia?

Eis um dos muitos enigmas de que é constituída a existência diabólica de Lawrence.

## Um tubarão providencial

**Q**UANDO Mustafa Kemal expulsou os gregos da Asia Menor, Achilles Mávro foi estabelecer-se no Suez com toda a família, composta da mulher e três filhos. Os negócios, porém, não lhe corriam fáceis.

Há algumas semanas uma grande tempestade assolou as costas do Egipto e o mar avançou muito por terra dentro. Quando as ondas se retiraram os filhos de Mávro viram na praia um monstro que se debatia desesperadamente e correram a avisar o pai, que se encontrava na barraca. Mávro ao chegar ao local viu que se tratava de um tubarão de seis metros de comprimento, que tendo sido deitado na areia pela enchente não teve tempo de fugir quando as águas se retiraram. Como a pele do tubarão tem muito valor, o grego armou-se com um martelo e um machado e atacou o animal para o matar. Depois de uma luta terrível o monstro foi vencido.

Achilles Mávro esfolou-o e começou a cortá-lo em pedaços. De repente viu aparecer de dentro do estômago do tubarão duas dragonas de oficial da marinha inglesa e botões do uniforme. Naturalmente o tubarão enguliu durante a guerra o oficial de algum barco de guerra inglês torpedeado pelos alemães, não conseguindo digerir as partes metálicas do uniforme. O Mávro continuou as suas pesquisas e o resultado foi assombroso. Encontrou uma carteira de couro quasi em bom estado e ao abri-la espalhou-se um masso de notas do Banco de Inglaterra... O felizardo contou, trémulo de emoção, cinco mil libras...

Achilles Mávro possui, graças a este tubarão enviado pelo acaso, uma fortuna de quinhentos contos.

## Corrida de motocicletas para crianças

Em Berlim, no famoso estádio Rutt, realizou-se uma corrida de motocicletas



Uma corrida de minúsculas motocicletas.

original. Os concorrentes não tinham mais de oito anos de idade e levavam na respectiva "side-car" um companhei-



A reitora da Universidade do Banditismo.

ro mais novo ainda. Cada "moto" tinha apenas a força de meio cavalo. A luta, ao que parece, foi renhida e plena de peripécias absolutamente gémeas das grandes corridas que as pessoas crescidas costumam fazer em "motos" de tamanho natural...

## Uma universidade de banditismo

**A** POLÍCIA de Denver (Colorado) teve um dia conhecimento da existência, naquela cidade, de uma autêntica universidade onde adolescentes de ambos os sexos estudavam os mais modernos sistemas da arte do roubo e do banditismo. O reitor desta originalíssima universidade era... uma mulher.

Essa rara mulher conseguira salvar-se sempre das garras da policia.

Esta sua habilidade em escapar-se à prisão dava-lhe um prestígio extraordinário. Os alunos tinham por ela aquele respeito que se concede aos verdadeiros mestres. Mas houve um dia em que a sua ciência falhou. Um aluno, que ambicionava instruir-se naquela maravilhosa ciência, sofreu a suprema afronta de escutar do ilustre corpo docente do famoso estabelecimento de ensino que era uma autêntica negação para a carreira que escolhera. Despeitado, o aluno dirigiu-se à policia e denunciou a existência da universidade, que foi, é claro, encerrada e reitora e professores metidos na cadeia.



---

---

# NOVELA N.º 30

Quinta-feira, 17 de Setembro de 1931



## OS ANFÍBIOS DO TEJO



**SENSACIONALÍSSIMO**

**ORIGINAL INÉDITO DE REPORTER X**

**LEIAM**

---

---